



MONTEIRO LOBATO E A EDUCAÇÃO: O IDEÁRIO PEDAGÓGICO EXPRESSO NA PERSONAGEM DONA BENTA

Laís Pacifico Martineli – UEM¹

Maria Cristina Gomes Machado - UEM²

Resumo: O trabalho considera que a literatura brasileira, como fonte de pesquisa, tem recursos infindáveis que possibilitam a apreensão do contexto cultural, social e político nos quais as obras são criadas, bem como é possível estudar as suas implicações na educação. Objetiva-se analisar o ideário pedagógico subjacente às ações de cunho educacional da personagem Dona Benta, em particular nos livros: *História do mundo para as crianças*, publicado em 1933, *Geografia de Dona Benta*, publicado em 1935, e *Serões de Dona Benta*, publicado em 1937. A análise evidenciou alguns aspectos sociais, políticos, culturais e educacionais do período da produção da obra, que subsidiaram a compreensão do pensamento de Monteiro Lobato acerca da educação e de uma tendência pedagógica. Os resultados possibilitam afirmar que a literatura infantil de Monteiro Lobato se aproxima da concepção pedagógica escolanovista, sobretudo, no que diz respeito às ações educativas de Dona Benta.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Educação; Ideário Pedagógico.

Introdução

O estudo tem como objetivo analisar a literatura infantil de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) e a concepção pedagógica subjacente aos seus escritos, especialmente, nos livros *Histórias do mundo para as crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935) e *Serões de Dona Benta* (1937), por meio das ações educativas de Dona Benta. Buscamos explicitar os elementos socioeconômicos, políticos e culturais presentes no contexto da criação da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, em particular nos livros selecionados, identificar nas ações de cunho educacional de Dona Benta o ideário pedagógico subjacente, bem como, suas características, elencando-as. Deste modo, enfatizamos em analisar a existência de relações entre as ações educativas da personagem Dona Benta com as discussões educacionais do período e com o modelo pedagógico escolanovista, presente no pensamento dos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

² Professora doutora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

intelectuais do período como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974), entre outros.

Monteiro Lobato é um dos mais importantes escritores brasileiros do século XX, tendo uma vasta produção literária composta por livros, poemas, contos, crônicas e artigos. A coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, escrita entre os anos de 1920-1944, composta de 15 volumes, foi a obra de maior repercussão do autor e era direcionada ao público infantil.

Além de escritor, Lobato exercia atividade editorial expressiva no período, por meio da Companhia Editora Nacional e Editora Brasiliense (KOSHIYAMA, 1982). Por elas foram publicados muitos de seus livros. Lobato considerava que a qualidade gráfica dos livros era muito importante e, por isso atribuía a ela um fator primordial. A aparência do produto, sua capa e qualidade, eram indispensáveis para atrair a atenção dos leitores³.

A intensa e notável atividade literária e editorial de Monteiro Lobato somava-se a um profundo engajamento social e político em seu tempo, especialmente, a partir dos anos de 1920, momento em que a República estava fortalecendo as suas bases. Embora a velha estrutura rural ainda fosse muito presente, o Brasil buscava a sua modernização. Emergiu o nacionalismo que se manifestou na arte, na literatura, na educação, enfim, disseminou-se pelo país nos mais diversos âmbitos. Lobato promoveu campanhas pela saúde, defesa do meio-ambiente, reforma agrária e petróleo. Isso fica expresso em suas obras, como por exemplo, *O escândalo do Petróleo* (1936), e nas características de seus personagens, como o Jeca Tatu.

A vida e a obra deste célebre intelectual brasileiro é objeto de estudos e pesquisas, materializados em forma de livros, artigos de natureza científica, teses, dissertações, ensaios. O pensamento de Lobato gerou e prossegue gerando polêmicas das mais diversas ordens sejam no âmbito das suas concepções políticas (SANTOS, 2008), sociais (SOUZA, 2008), étnico-raciais (LAJOLO, 1998), seja de seu pensamento sobre a educação e a pedagogia (MACHADO, 1993; LAJOLO, 2000, entre outros).

No que se refere às questões educacionais e pedagógicas, a produção literária infantil de Monteiro Lobato⁴, sobretudo, o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* é considerado por diversos autores como um "projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil" (LAJOLO, 2000, p. 60). Isto está relacionado ao contexto histórico do autor e pelas necessidades que se

³ Lajolo esclarece que “Monteiro Lobato aprende a importância da embalagem e do rótulo” (2000, p. 32) na produção dos livros, pois passa a conceber a literatura como mercadoria. Por isso, “preocupa-se – e muito – com a materialidade dos livros de sua editora. Investe na qualidade gráfica dos volumes, moderniza as capas e encomenda desenhos especiais para ilustração” (LAJOLO, 2000, p. 32).

⁴ A produção literária infantil de Monteiro Lobato envolve os livros da Coleção *Sítio do Pica –Pau Amarelo* e outros livros que não são incluídos nessa coleção, como *A caçada da onça* (1924) e *Jeca Tatuzinho* (1924).

punham de modernização do país, de formação de uma cultura nacional, da alfabetização e da própria educação do povo brasileiro.

Partimos do entendimento de que a literatura brasileira tem recursos infindáveis que possibilitam a apreensão do contexto histórico e cultural do período em que foi produzido. A escolha dessa análise a partir da obra de Monteiro Lobato deve-se ao fato de ter sido ele um escritor comprometido com as questões do seu tempo e ter uma produção literária pedagógica. Consideramos que o estudo dessas questões possa contribuir para a compreensão do ideário pedagógico dos anos de 1920-1940, as suas implicações para a educação brasileira, bem como para o exercício da docência em um dado momento histórico.

O estudo pode se materializar com avanços no campo acadêmico-científico, por meio da produção de um conhecimento teórico que subsidie reflexões e análises para compreensão da educação como processo histórico e, particularmente, do período compreendido entre os anos de 1920 e 1940, de grande repercussão na educação brasileira. Nestes anos, difundiram no país ideias de renovadores da educação, sobretudo as norte-americanas.

Como relata Koshiyama (1982), começavam a ser aceitas as ideias pedagógicas de estudiosos norte-americanos ao lado de autores europeus:

Dewey, Kilpatrick eram lidos e suas sugestões executadas nas reformulações feitas no sistema educacional por Anísio Teixeira, na Bahia, em 1924. Mas, continuava-se a editar e eram lidos: Pieron, Claparede, Durkheim, Binet e Simon, traduzidos em 1927 e 1929, publicados na *Biblioteca da Educação* da Cia. Melhoramentos de São Paulo, sob a direção de Lourenço Filho, Decroly e outros autores da educação ativa apareceram na *Coleção pedagógica*, da Editora F. Briguier & Cia, dirigida por Paulo Maranhão, em 1929 (KOSHIYAMA, 1982, p. 80).

Foi nesse contexto que Monteiro Lobato tratou de cultivar o leitor infantil, introduzindo a literatura nas escolas primárias. Nas narrativas de Lobato, especialmente na série de aventuras no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, não falta a preocupação de informar e educar.

Estabelecemos como tema/eixo central de nosso estudo a literatura infantil de Monteiro Lobato e a concepção pedagógica subjacente aos seus escritos. Questionamos se o ideário pedagógico escolanovista, que se incorporava no pensamento educacional brasileiro do período, e era a bandeira de importantes intelectuais como Anísio Teixeira (1900-1971) e Fernando de Azevedo (1894-1974), ficava expresso nos escritos infantis de Lobato, particularmente, nas ações de cunho educativo de “Dona Benta”.

Para tanto, tomaremos os livros *Histórias do mundo para as crianças*, publicado em 1933, *Geografia da Dona Benta*, de 1935, e *Serões de Dona Benta*, de 1937, livros estes que compõem a obra literária infantil do autor como apontado inicialmente. Estes livros de referência estão presentes na Coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo* que foi escrita pelo autor no período de 1921 a 1947. A partir da obra, serão analisados os aspectos sociais, econômicos e políticos subjacentes a ela, traçando um panorama da época.

Os livros selecionados da Coleção destacam a figura de Dona Benta como protagonista. No contexto destes livros que tomamos como referência, os personagens Emília, Tia Anastácia, Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, figuram a narrativa do texto. Dona Benta, a “[...] avó dos meninos, contadora de histórias que aceita a imaginação das crianças e admite as novidades que mudam o mundo”⁵, nos parece ser uma personagem que possibilita refletir sobre a concepção pedagógica de Monteiro Lobato, por realizar ações de cunho educativo.

Considerando que, nas últimas décadas, a produção científica brasileira sobre Monteiro Lobato tornou-se expressiva, utilizamos fontes secundárias, tais como manuais, artigos, livros, ensaios, teses e dissertações, que nos ajudaram na compreensão dos propósitos da pesquisa. Deste modo, constituíram-se em fontes de estudos e pesquisas para entender o momento histórico e o pensamento educacional vigente. Utilizamos, ainda, outros instrumentos e referenciais que se fizerem necessários para a investigação.

Portanto, para conhecer a vida e obra e o possível pensamento pedagógico de Monteiro Lobato, utilizamos, fundamentalmente, os livros *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida* (2000), de Marisa Lajolo, *O ficcionista Monteiro Lobato* (1996), de Alaor Barbosa e *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* (1997) de Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta.

O trabalho é desenvolvido a partir de análise bibliográfica, tomando como referência fontes primárias e secundárias. A análise é, fundamentalmente, da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, evidenciando os aspectos sócioeconômicos, políticos e culturais subjacentes à produção. Tomamos, em particular, os livros *Histórias do mundo para as crianças*, *Geografia da Dona Benta* e *Serões da Dona Benta*, por entendermos que favorece a identificação das ações educativas de Dona Benta. Para isso, buscaremos extrair as ações que apresentam uma regularidade no decorrer dos três livros.

⁵ Esta citação foi retirada de uma nota intitulada: *O autor e sua obra*, de cunho biográfico, presente nas páginas finais de cada livro que compõe a *Coleção Sítio do Pica-Pau Amarelo*, publicada pela Editora Círculo do Livro, em 1986.

Iniciamos o trabalho fazendo um relato dos principais acontecimentos da vida de Monteiro Lobato, destacando o momento em que ele iniciou sua produção literária infantil. Em seguida, explicitamos a análise referente às três obras selecionadas para esse trabalho com ênfase nas ações de cunho educativo da personagem Dona Benta, para mostrar a possibilidade de Monteiro Lobato seguir a perspectiva escolanovista de educação.

Monteiro Lobato e a produção literária infantil

Explicitaremos nesse breve tópico o momento em que Lobato inicia sua produção literária infantil e o contexto histórico em que o autor vivia, buscando razões que justifiquem a sua produção literária infantil, considerada por muitos autores como revolucionária para o período (LAJOLO, 2000). Literário infantil, pintor frustrado, editor e empresário, jornalista engajado nas causas sociais, econômicas e políticas de sua época, são expressões que resumem minimamente a intensa e ativa vida de Monteiro Lobato. Seu objetivo é único: “[...] mudar o Brasil e levá-lo a absorver a riqueza que a sociedade moderna produziu.” (MACHADO, 1993, p. 8).

A vida do autor foi marcada por etapas de muitas mudanças. Quando pequeno, Lobato vivia em um ambiente rural. Grande parte de sua infância trouxe como cenário a chácara de seu avô Visconde de Tremembé, que era fazendeiro cafeicultor, empresário e político influente. Era um garoto de classe alta da época do final do Império brasileiro e, por isso, freqüentou as escolas particulares da região. Logo demonstrou sua vocação como escritor, pois escrevia crônicas, poemas, contos e até desenhava para o jornalzinho colegial chamado “O Guarany”. Fazia críticas em forma de crônicas aos acontecimentos da escola no jornal e assinava como Josbem e Nhô Dito (LAJOLO, 2000). Mais tarde, matriculou-se no Instituto de Ciências e Letras (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997), em São Paulo, curso que preparatório para o curso superior.

Uma das grandes mudanças na vida do autor aconteceu nos dois últimos anos do século XIX, quando ele ficou órfão e o Visconde de Tremembé responsabilizou-se pela tutela do garoto de 16 anos e de suas irmãs. Seu grande sonho era cursar Belas-Artes, mas o avô impôs que Monteiro Lobato se matriculasse na Faculdade de Direito, como era tradição naquele momento.

Em obediência à ordem de seu avô, na virada do século Lobato partiu para a Faculdade de Direito no Largo de São Francisco a fim de tornar-se doutor. Encarava o curso de direito com desinteresse, pois sua vocação pelas artes e pela literatura ainda o perturbavam. Na faculdade, Lobato era fascinado pela cidade de São Paulo e por seus amigos, pois eles aproximavam o futuro doutor do lado poético e literário que tanto estimava. Nesse período, Lobato se formou, voltou a sua cidade natal, casou-se, teve filhos e pleiteou o cargo de promotor efetivo da comarca de uma cidade pequena. Sentia-se entediado e ocioso vivendo na pequena cidade e se recordava constantemente do movimento frenético de São Paulo, onde viveu cerca de dez anos, e do convívio com os amigos (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997).

A morte de seu avô, em 1911, configurou-se como uma das mais drásticas mudanças na vida de Monteiro Lobato. Lobato herdou as terras do avô e outras tantas de seu pai, juntando mais de dois mil alqueires de terra (LAJOLO, 2000). Essa herança transformou Monteiro Lobato em grande proprietário rural, e para suas terras se mudou com toda a sua família. O principal objetivo de Lobato, no que dizia respeito a suas terras, era torná-las rentáveis por meio de projetos ousados, como a modernização da agricultura.

Lobato produzia literatura no meio rural em que passara a viver e seu tema futuro seria a figura do caipira, do caboclo, do homem da roça, sobretudo após desentender-se com seu administrador e se enfurecer com o hábito econômico e ecologicamente inconveniente dos caboclos de desrespeitarem a terra e as florestas, tocando-lhes fogo. A esse respeito, publica em 12 de novembro de 1914 um protesto ao jornal *O Estado de São Paulo* intitulado *Velha Praga* (1914), protesto este que ganha enorme repercussão e torna Monteiro Lobato famoso. Neste protesto, Monteiro Lobato faz crítica aos hábitos nocivos à terra e à produção e cria, a personagem-símbolo da obra lobateana, o Jeca Tatu. Enorme foi a repercussão da personagem que tornou Monteiro Lobato famoso e cada vez mais requisitado para escrever artigos, para colaborar com revistas e jornais, aproximando o autor ainda mais da literatura.

Com a crise cafeeira, Lobato vende suas terras e vai com sua família até São Paulo. Inicia, nesse momento, sua vida como empresário, pois compra a famosa Revista do Brasil. A frente da Revista, o autor ouviu de Hilário Tácito a aventura de um peixe que morreu afogado, pois desaprendeu a nadar.

Este momento foi determinante para iniciar a participação de Lobato no mundo das histórias infantis. “A história do peixe que morreu afogado” foi um pequeno conto, mais tarde desenvolvido, reestruturado e lançado em 1921 como *A menina do nariz arrebitado*. Suas personagens com dimensões fantásticas são as que até hoje imprimem a face de Monteiro

Lobato: Dona Benta, que “[...] desempenha o papel de professora [...]” (LAJOLO, 2000, p. 61), Narizinho e Emília, Tia Nastácia, Pedrinho e Visconde de Sabugosa, compõem os participantes do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. O poder do faz-de-conta garante o sucesso desta nova fase de Lobato com o gênero infantil.

Lobato estava instigado pelo interesse em produzir obras puramente infantis impregnadas de conteúdos interessantes com linguagem para crianças. Lajolo (2000, p. 61) afirma que, “particularmente nas obras produzidas dos anos 30, o Sítio se transforma numa grande escola, onde os leitores aprendem desde a gramática e aritmética até geologia e bê-á-bá de uma política nacionalista de petróleo.” Neste sentido, mandou distribuir, gratuitamente, quinhentos exemplares do livro, agora sob o título de *Narizinho Arrebitado*, e confirmou, assim, a importância da escola para a difusão da leitura. Washington Luís, presidente do Brasil, ao ver livros surrados de tanto uso pelas crianças, fez uma compra grande para as escolas paulistas (LAJOLO, 2000).

Em seus 66 anos de vida, anos este de muitas transformações, Lobato permaneceu por 27 se dedicando a saga do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e aos seus personagens fantásticos, paralelo a suas antigas lutas para produzir o ferro, extrair o petróleo e levar o país ao progresso e à modernidade. Em 1948, sofreu seu primeiro espasmo vascular e morreu em seu apartamento na editora, virando “gás inteligente”, como costumava traduzir a morte (BARBOSA, 1996).

A produção literária infantil de Monteiro Lobato: Pedagogia de Dona Benta

Neste tópico do trabalho, elencamos e analisamos as principais ações de cunho pedagógico da personagem Dona Benta, por entendermos que, por meio de suas práticas e da contação de histórias às crianças, ela possa transparecer o ideário pedagógico presente nos escritos de Monteiro Lobato nas décadas em que *História do mundo para as crianças*, *Geografia de Dona Benta* e *Serões de Dona Benta* foram escritos e publicados no Brasil. A análise foi realizada a partir da leitura detalhada das obras, buscando identificar as ações que se repetem e que são mais utilizadas por Dona Benta na contação de histórias.

Observamos uma aproximação entre a produção literária infantil de Lobato e o movimento da Escola Nova no Brasil. Esse movimento chegou ao Brasil no século final XIX, com o intuito de “[...] transformar as normas tradicionais da organização escolar, com isso ensaiando uma *escola nova*, no sentido de escola diferente das que existem” (FILHO, 1978, p. 17). O movimento da Escola Nova se fixou no Brasil por meio do documento *Manifesto dos*

Pioneiros da Escola Nova (1932), que posicionava a criança no centro do processo de ensino, atribuía à educação o papel de transformação do país e a institucionalização de uma escola pública, laica, gratuita e para todos.

Sendo assim, nos transportamos aos momentos finais do século XIX, que coincidiam com o fim de Brasil Imperial e a proclamação de um novo regime político, o republicano, pois ocorreram nesse período muitos acontecimentos que tangeram a educação a um novo modelo. Foi também nesse período que viveu o autor Monteiro Lobato, o que nos leva a crer ainda mais em uma relação das produções literárias infantis do autor com os pressupostos do movimento escolanovista no Brasil.

A literatura infantil brasileira foi inaugurada com o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Lobato estava insatisfeito com as traduções de livros europeus para crianças, e por isso criou aventuras com personagens bem brasileiras, recuperando costumes da roça, onde passou sua infância, e lendas do folclore nacional (MACHADO, 1993). Lajolo (2000, p. 60) destaca a preocupação de Lobato em publicar livros com uma linguagem especialmente destinada a crianças.

O surgimento de livros para crianças pressupõe uma organização social moderna, por onde circule uma imagem especial de infância: uma imagem da infância que veja nas crianças um público que, arregimentado pela escola, precisa ser iniciado em valores sociais e afetivos que a literatura torna sedutores. Em resumo, um público específico, que precisa de uma literatura diferente da destinada aos adultos.

Todas as vezes que Tia Nastácia gritava “É hora!”, Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa e certas vezes até Rabicó e Quindim, dirigiam-se à sala da casa de Dona Benta para ouvir as mais incríveis curiosidades sobre o mundo. Dona Benta tinha um papel importante, pois era a principal transmissora dos conhecimentos e aceitava as ideias fantásticas dos seus netos no sítio. Narizinho pedia à avó: “— Leia da sua moda, vovó!” (LOBATO, 1986c, p. 194), pois, com a moda de Dona Benta, todos entendiam. No livro *Reinações de Narizinho*, Lobato explica que:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo da onça ou só usados em Portugal, a boa velha ia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante. Como naquele dia os personagens eram da Itália, Dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano galinheiro que às vezes aparecia pelo sítio em procura de frangos; e

para Pinóquio inventou uma vozinha de taquara rachada que era direitinho como o boneco devia falar (LOBATO, 1986c, p. 194).

A partir dessa exposição, podemos considerar que Dona Benta tinha uma forma particular de ler as histórias, que era chamada pelos meninos de à “moda” da Dona Benta. Esta forma era atrativa para as crianças, porque ela traduzia, como Lobato enfatizou, de uma linguagem do passado, usada em Portugal, para uma linguagem mais atual, própria do Brasil. Além de prender a atenção daqueles que estavam ouvindo, estes compreendiam melhor o significado do texto. Ela é uma “contadora de histórias” e, como tal, utiliza da uma forma característica de leitura que chama a atenção das crianças, ao mesmo tempo que garante o entendimento do conteúdo que estava sendo abordado.

A leitura, particularmente à moda de Dona Benta, se constituía em uma ação pedagógica de importância, já que, em muitos momentos nos livros, foi possível apreender que o autor recorria, frequentemente, a esse recurso, que era imprescindível para o aprender. Uma das principais ações pedagógicas de Dona Benta e, portanto, considerada importante para Lobato, foi conferir a leitura um papel de destaque.

Dona Benta estava sempre com livros à mão, pois fazia muita leitura⁶. Ela possuía em sua casa uma vasta coleção de livros e “[...] ainda recebia, dum livreiro da capital, as novidades mais interessantes do momento” (LOBATO, 1986b, p. 5). O livro *Child's history of the world* (História do mundo para as crianças) foi um desses livros que chegou à porta do Sítio pelos correios. Como a avó dominava a língua inglesa, logo se interessou pelo livro e pôs-se a lê-lo.

Ao finalizar a leitura do livro, Dona Benta o considerou muito interessante, concluindo que “Meninos assim da idade de Pedrinho e Narizinho estou certa de que hão de gostar e aproveitar bastante” (LOBATO, 1986b, p. 5). Nesta afirmação, a avó demonstra preocupação em selecionar um livro que se enquadre à idade dos meninos, mas, sobretudo, um que atinja o interesse das crianças. Pode-se notar que o interesse e a atração dos meninos por determinado assunto é um elemento muito considerado para Dona Benta e é um dos principais pontos para a escolha de um conteúdo.

⁶ Em *Memórias de Emília* (1936), a boneca de pano fala “Tenho de dizer umas palavras sobre essa senhora. Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas, a diaba! De tanto ler aqueles livros lá do quarto, ficou que até brincando bate o Visconde em ciência” (LOBATO, 1986e, p. 110). A fala de Emília ainda mais nos esclarece que Dona Benta era muito culta e que tinha uma forma especial de ensinar.

Para melhor nos aprofundarmos nesta preocupação de Dona Benta com o interesse da criança, tomamos o livro *Geografia de Dona Benta*. A avó inicia no Sítio as explicações sobre a geografia após um pedido de seu neto.

Depois que Dona Benta concluiu a história do mundo contada à moda dela, os meninos pediram mais.

— Mais, quê? — perguntou a boa avó. — Poderei contar muitas histórias assim — história da física, história da química, história da geologia, história da geografia...

— Conte histórias da geografia — pediu Pedrinho, que andava sonhando com viagens pelos países estrangeiros.

E Dona Benta *contou* a geografia (LOBATO, 1986a, p. 7).

O fato de Pedrinho ter sonhado com países estrangeiros e ter despertado uma curiosidade sobre esse assunto fez com que o garoto pedisse à avó que contasse histórias da geografia. Diante do interesse do neto, Dona Benta iniciou a contação de história e nela podemos ressaltar que o interesse das crianças é o grande condutor do caminho em que a explicação percorre.

Como ocorreu em muitos momentos em que Dona Benta se dedicava a ensinar as pessoas do Sítio, ela tinha como premissa o interesse dos ouvintes e essa é uma das principais ações de cunho educativo de Dona Benta. A senhora demonstram-se aberta a todas as informações, todas as perguntas, contribuições e a imaginação das crianças. Essa imaginação está sempre cercando as redondezas do Sítio e de seus personagens em cada volume da coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

No livro *Geografia de Dona Benta*, a imaginação é utilizada como fio condutor para apresentar um conteúdo. Quando Dona Benta optou por atender ao pedido de Pedrinho e iniciar as explicações sobre as histórias da Geografia, Emília logo lhe sugeriu uma ideia para tornar o estudo da Geografia “Muito mais interessante” (LOBATO, 1986a, 33). Assim, a boneca toma a palavra e sugere:

— Vamos estudar geografia de outro jeito — propôs. — Tomamos um navio e saímos pelo mundo afora vendo o que há. Muito mais interessante.

— Mas onde está o navio, boba? — indagou Narizinho.

— Um navio faz-de-conta.

Acho ótima a lembrança, Emília — disse Dona Benta. E eu sigo no comando desse navio. Que nome vai ter?

—O *Terror dos Mares!* — gritou a boneca. — Levamos toda gente de casa, Tia Nastácia, Quindim, o Visconde — todos, menos Rabicó (LOBATO, 1986a, p. 33).

Assim, subindo a bordo de “O Terror dos Mares”, a tripulação do Sítio viajou todo o mundo, fazendo incríveis paradas e vivendo a Geografia. Viver a Geografia só foi possível graças à viagem de faz-de-conta que Emília propôs e Dona Benta empregou como recurso para melhorar a forma de se contar essa história. Então, a utilização da imaginação sugere uma forma de estudo que não a tradicional. A imaginação foi atribuída como recurso para aproximar as crianças da realidade e ter experiências reais com a Geografia.

Afirmar que a imaginação aproxima a criança da realidade nos parece um tanto contraditória, pois quando imaginamos, saímos da realidade. No entanto, podemos afirmar que Monteiro Lobato propôs uma viagem de “faz-se conta”, mas ela, em todo o livro, foi apresentada como uma viagem real. Em uma passagem pela Bahia, todos os integrantes da Tripulação “[...] foram ver a cidade” (LOBATO, 1986a, p.66). Tia Nastácia, em especial, “[...] tinha se aproveitado da passagem pela Bahia para comprar garrafas de azeite-de-dendê, que as cozinheiras de lá usam para tempero” (LOBATO, 1986a, p.66). Diante de uma experiência tão real e material, podemos afirmar que a viagem de navio foi muito próxima ao real e que ela foi utilizada por Monteiro Lobato como recurso para aproximar as crianças de experiência concretas, mesmo que pela imaginação.

Vale destacar que a aceitação da imaginação das crianças, a priorização pelos seus interesses e a utilização de uma linguagem atualizada que permita a compreensão dos conteúdos pela criança, constituem recursos importantes utilizados por Dona Benta para atrair a atenção das crianças. Permitir que elas participem, perguntem, imaginem e entendam o conteúdo são formas de desviar a atenção das crianças de qualquer outra atividade que seria mais divertida ou interessante.

Durante a explicação, os netos sempre se envolviam, levantavam informações e contribuições que muito auxiliaram na construção do conteúdo em questão e em sua compreensão. Tais informações por eles levantadas, em muitos momentos estão relacionadas com as vivências ou com a realidade das crianças. Sendo assim, um dos motivos pelo qual Dona Benta opta por estudar temáticas que estão próximos à realidade da criança é permitir que elas visualizem melhor o assunto e, assim, possam compreender melhor o conteúdo ou, então, dar mais contribuições para a discussão.

Neste sentido, em várias ocasiões Dona Benta exemplifica a temática abordada com situações que as crianças já viveram, pois elas podem, assim, recordar e compreender com mais facilidade o assunto familiar já vivido por elas. Por isso, as ações educativas de Dona Benta buscam, acima de tudo, aproximar a criança de sua realidade para que ela compreenda os fatos sociais e até os fatos da natureza, como é mostrado em *Serões de Dona Benta*:

Nesse ponto um passarinho cantou no pomar. Pedrinho pôs-se de ouvido alerta.

— Que passarinho será aquele? — murmurou, falando consigo mesmo. E saiu disparado para ver.

— Ora aí está como se forma a ciência — disse a boa senhora. — Se o canto fosse de sabiá, Pedrinho não se incomodaria, porque já conhece o sabiá. Mas como não reconheceu o canto, ficou logo assanhado por saber — e foi correndo ao pomar. A curiosidade diante dum fenômeno que não conhecemos é a mãe da ciência.

Logo depois Pedrinho voltou.

— Era uma saíra das raras — a segunda que vejo por aqui — disse ele, e Dona Benta continuou a desenvolver o seu tema:

— Muito bem; sua curiosidade, Pedrinho, fez que você adquirisse um conhecimento novo. Ficou sabendo que esse canto é *duma saíra rara por aqui*. Para chegar a essa conclusão, você teve de observar o fenômeno — de ir *ver*, porque só com o *ouvido* não podia identificar o passarinho (LOBATO, 1986d, p. 12).

Para explicar a origem da investigação científica, Dona Benta menciona a busca de Pedrinho por uma resposta diante de um fato cotidiano. Sendo assim, um acontecimento na vida das crianças permitiu que elas compreendessem a investigação histórica e como ela se perpetua. Além disso, alguns novos episódios no Sítio, fatos e acontecimento na vida das crianças e fenômenos são aproveitados por ela para introduzir novos conceitos e conteúdos. Isso evidencia a busca de Dona Benta por explicações e pela aproximação à vida real. Utilizamos como exemplo o dia em que Pedrinho e Emília tentaram mover uma pedra do lugar:

Pedrinho e Emília apareceram.

— Puxa! — exclamou o menino ao entrar. — Nunca pensei que aquela pedra pesasse tanto. Eu e Emília pusemos toda a nossa força e a diaba nem gemeu...

Dona Benta aproveitou-se do tema.

— É por isso que o homem recorreu às forças da natureza e acabou escravizando-as. Viu que só com os seus músculos podia muito pouco. Essa pedra que resistiu à força dos músculos do meu neto e da Emília mover-se-á facilmente por meio duma alavanca (LOBATO, 1986d, p. 63).

Para introduzir um novo conteúdo, Dona Benta se aproveita desse acontecimento na vida dos meninos para mostrá-los que a invenção de alavancas ajuda o homem e facilita sua vida. Dona Benta afirma que a “[...] máquina é o próprio homem, com seus braços, suas pernas e todos os seus sentidos, *aumentando* de eficiência por meio de truques que a inteligência aumentou” (LOBATO, 1986d, p. 87, grifo do autor). Nesse sentido, para a vida real das crianças, conhecer como funciona a alavanca e outros tipos de “máquinas” torna-se essencial para melhorar a sua vida. Em outras ocasiões, Pedrinho poderia agir conscientemente e procurar formas eficazes de remover uma grande pedra ou obstáculo. Dessa forma, as crianças poderão agir sobre a natureza de maneira consciente e, assim, facilitar sua vida.

No final do livro *Geografia de Dona Benta*, Dona Benta resume a importância de conhecer a ciência para utilizá-la no dia-a-dia, filosofando “A riqueza material é areia do deserto: ora se acumula aqui, ora ali, conforme sopram os ventos. Mas quem tem a riqueza no miolo, ah, esse está garantido contra todos os azares da vida” (LOBATO, 1986d, p. 204). Sendo assim, conhecer história, geografia e ciência, nos ajuda a compreender a realidade e agir conscientemente sobre a natureza.

A leitura a moda de Dona Benta, a priorização dos interesses das crianças, a aceitação de perguntas e de participação, a utilização da imaginação das crianças para viabilizar o ensino e torná-lo mais atraente e a busca de compreensão dos fatos cotidianos são as principais ações de cunho educativo de Dona Benta presentes nos três livros de Monteiro Lobato.

Considerações finais

O trabalho nos permitiu visualizarmos alguns elementos do período em que o autor, pioneiro na produção da literatura infantil brasileira, viveu, como elementos socioeconômicos, político e cultural das décadas de 1920 a 1940, momento da elaboração e publicação dos três livros selecionados para análise deste trabalho, da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Entre eles, citamos o período de transição do regime imperial para o regime republicano, a efervescência da modernização da arte com a Semana da Arte Moderna (1922), os debates para a criação de uma cultura nacional e a contradição com referências culturais européias e americanas, a modernização do sistema produtivo, reformas e ideais para a modernização do país por meio da educação.

Até mesmo na sua obra infantil, em especial o livro *Geografia de Dona Benta*, encontramos alguns elementos econômicos, políticos e sociais do Brasil, quando Dona Benta

explica as características socioeconômicas, político e social de cada Estado do Brasil. Os ideais de modernização do país do próprio autor, também estão presentes nesse livro.

Ao analisarmos os principais livros em que Dona Benta assume o papel de professora ou “contadora de história”, conseguimos identificar as ações educativas de Dona Benta no momento em que estava “ensinando” as crianças do Sítio. Permitimo-nos afirmar que Dona Benta ensinava, pois o próprio Monteiro Lobato, por meio de uma fala de Pedrinho, utilizou esse termo para descrever o que Dona Benta fazia no Sítio:

— Que pena! — suspirou Pedrinho, quando Dona Benta lhe trouxe a notícia.
— Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi *ensinado* por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro...(LOBATO, 1986d, p. 201).

Além de visualizarmos o termo “ensinado”, identificamos nessa fala de Pedrinho uma crítica feita por Monteiro Lobato com relação ao ensino oferecido nas escolas do período. Nesse sentido, podemos inferir que somente a forma de ensinar de Dona Benta, suas ações educativas e os seus recursos pedagógicos aplicados são de fato convenientes para o ensino as crianças na perspectiva de Lobato.

As principais ações de cunho pedagógico de Dona Benta, elencadas nos livros de Lobato são: a leitura à “moda” de Dona Benta, com entonação e sem vocabulários complicados; o encaminhamento das explicações de acordo com o interesse a motivação das crianças; a aceitação da imaginação das crianças e sua utilização como recurso pedagógico; o aprendizado em um local com muitas possibilidades para observação dos fenômenos naturais, fatos e objetos; a busca de explicações para os fatos inéditos que acontecem no cotidiano das crianças.

É importante destacar que Monteiro Lobato não tinha o intuito em desenvolver uma nova corrente ou um novo ideário pedagógico, mas repetir e divulgar as ações pedagógicas do ideário subjacente no período. As ações de Dona Benta têm estreita aproximação com o ideário pedagógico amplamente divulgado no período da publicação do ideário da Escola Nova, presente no pensamento dos intelectuais do período como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974), entre outros.

Ao analisar os aspectos metodológicos da Escola Nova expressas no Manifesto dos Pioneiros e elencadas por estudiosos dessa corrente pedagógica, observamos a existência de relações entre as ações educativas da personagem Dona Benta com as discussões educacionais

do período e com o modelo pedagógico escolanovista. Destacamos o posicionamento central atribuído a criança no processo de ensino, sobretudo no que dizia respeito à priorização do interesse da criança, por meio de atividades que tornem o ensino mais atraente, com estímulo a imaginação, linguagem mais acessível, abertura para a busca de conhecimentos, em locais que possibilitem a observação de fenômenos e objetos (VIDAL, 2003), entre outros. Esses elementos apresentaram-se com frequência nos livros analisados e nos fazem inferir que uma possível aproximação entre Lobato e o ideário escolanovista.

Portanto, concluímos que o estudo nos deu embasamento para afirmar que a literatura infantil de Monteiro Lobato, sobretudo, no que se diz respeito às ações educativas de Dona Benta expressas nos livros *Histórias do mundo para as crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935), e *Serões de Dona Benta*, se aproximam da concepção pedagógica escolanovista em ascensão no período. Lobato se opunha as antigas formas de ensinar e propôs novos encaminhamentos ao ensino, com metodologias que se aproximavam da nova corrente pedagógica.

Referências

- AZEVEDO, Carmen L., CAMARGOS, Marcia M. de R., SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- BARBOSA, A. **O ficcionista Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- FILHO, Lourenço M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- KOSHIYAMA, A. M. **Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.
- LOBATO, M. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- LOBATO, M. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Círculo do Livro. 1986a.
- LOBATO, M. **Histórias do mundo para crianças**. São Paulo: Círculo do Livro. 1986b.
- LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Círculo do livro, 1986c.
- LOBATO, M. **Serões de Dona Benta**. São Paulo: Círculo do Livro. 1986d.
- LOBATO, M. **Memórias de Emília**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986e.
- LOBATO, M. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. 1998. Disponível em:
<<http://lfilipe.tripod.com/lobato.htm>> Acesso em: 20/11/2010.

LEMME, P. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira**. Disponível em:
<<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/81/83>> Acesso em: 29/09/2011.

MACHADO, M. C. G. **Reinações de um escritor: Monteiro Lobato**. Dissertação (mestrado em Educação)--Universidade Estadual de Maringá, Dep. de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 1993.

MANIFESTO dos pioneiros da educação nova: a reconstrução educacional no Brasil. Ao povo e ao Governo. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>> Acesso em: 10/10/2011.

SANTOS, E. S. **Monteiro Lobato e suas seis personagens em busca da nação**. (Dissertação de Mestrado), Araraquara, 2008.

SOUZA, M. F. **Imagens do Jeca Tatu na produção literária de Monteiro Lobato: um processo de construção de identidade brasileira**. (Dissertação de Mestrado) UFRJ, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação Não é Privilégio**. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

VIDAL, D. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003.